

# **VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI**

**TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E  
ECONÔMICA E REGULAÇÃO**

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

#### **Diretoria - CONPEDI**

**Presidente** - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

**Diretor Executivo** - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

**Vice-presidente Norte** - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

**Vice-presidente Centro-Oeste** - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

**Vice-presidente Sul** - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

**Vice-presidente Sudeste** - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

**Vice-presidente Nordeste** - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

**Representante Discente:** Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

#### **Conselho Fiscal:**

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

#### **Secretarias**

##### **Relações Institucionais:**

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

##### **Comunicação:**

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

##### **Relações Internacionais para o Continente Americano:**

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

##### **Relações Internacionais para os demais Continentes:**

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

##### **Educação Jurídica**

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

##### **Eventos:**

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

##### **Comissão Especial**

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

T772

Transformações na ordem social e econômica e regulação [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Elve Miguel Cenci; José Sérgio Saraiva; Rogério Luiz Nery da Silva. – Florianópolis: CONPEDI, 2025.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-127-1

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Direito Governança e Políticas de Inclusão

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Transformações na ordem social e econômica. 3. Regulação. VIII Encontro Virtual do CONPEDI (2; 2025; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



# VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

## TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E ECONÔMICA E REGULAÇÃO

---

### **Apresentação**

O Conpedi - Conselho Nacional das Pós-Graduações em Direito, reitera sua atuação proativa pelo desenvolvimento da pesquisa na área jurídica e em áreas que lhe são conexas, tais como a economia política, a análise econômica do direito, a filosofia do direito, a sociologia do direito, a antropologia, a economia, a criminologia, ao sediar e coordenar, no contexto do VIII Encontro Virtual do Conpedi, dado entre os dias 24 a 28 de junho de 2025, mais uma histórica e produtiva rodada de apresentação de trabalhos científicos e dos consequentes debates acadêmicos, com vistas à construção coletiva do conhecimento jurídico. Distribuídos em mais de 70 Grupos de Trabalho (GTs), ao longo dos quase uma semana, mais de mil trabalhos, entre artigos científicos e painéis, distribuídos segundo sua pertinência temática, com vasta diversidade temática, muito justamente com o evento intitulado: “DIREITO, GOVERNANÇA E POLITICAS DE INCLUSÃO”. Contextualizado em momento de intensa carga de trabalho pedagógico pelo iminente encerramento do semestre letivo nas instituições, com generalizada carência de tempo e recursos para viagens, a iniciativa do Conpedi vem garantir efetividade à pesquisa acadêmica, pela adoção do modelo virtual, a viabilizar um encontro de qualidade, com o necessário contraste de ideias, sem a necessária logística de um evento presencial. Nem por isso, a estrutura mobilizada e disponibilizada se fez simples; ao contrário, o ferramental disponibilizado pelo Conpedi permitiu com que todos se reunissem com absoluta eficiência e produtividade. Ao Professor-doutor José Sérgio Saraiva, da Faculdade de Direito de Franca, ao Professor-doutor Elve Miguel Cenci, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e ao Professor-doutor Rogério Luiz Nery da Silva, da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ), foi atribuída a honrosa tarefa de conduzir os trabalhos do GT 10 – TRANSFORMAÇÕES NA ORDEM SOCIAL E

Universidade do Largo São Francisco (1985), Graduação em Direito pela Faculdade de Direito Padre José de Anchieta (1987), Graduação em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2009), Mestrado em Direito pela Universidade de Franca (2001) e Doutorado em Função Social do Direito pela Faculdade Autônoma de Direito (2018). Atualmente é professor titular da disciplina de Direito Administrativo e Diretor da Faculdade de Direito de Franca. E-mail: js.saraiva.advogado@hotmail.com

Professor-doutor ELVE MIGUEL CENCI, da Universidade Estadual de Londrina. Graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Graduação em Direito (FML), Mestrado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Advogado. Com atuação em direito, filosofia política e jurídica, teoria geral do estado, direito negocial. Coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Colunista de política na Rádio CBN-Londrina, Avaliador de cursos e instituições (INEP/MEC). Consultor ad hoc da Fundação Araucária. E-mail: elve@uel.br

Professor-doutor ROGÉRIO LUIZ NERY DA SILVA, da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Pós-doutorado em Direitos Fundamentais e Ciência Política (Université de Paris X - França), Doutorado em Direito Público e Evolução Social (UNESA), doutorando em Filosofia do Direito (Christian-Albrecht Universität zu Kiel – Alemanha), Mestrado em Direito e Economia (UNIG), posgraduação em Jurisdição Constitucional (Universidad Castilla-La Mancha – Espanha), pós-graduação em Educação (UFRJ), em Direito Empresarial e Tributário (FGV). Graduação em Direito (UERJ). Avaliador de cursos e instituições (INEP/MEC). Advogado (OAB-RJ) e Administrador (CRA-RJ). E-mail: dr.nerydasilva@gmail.com

## **A CRESCENTE NEOLIBERAL E SUA RACIONALIDADE: UM NOVO MODELO DE REORDENAÇÃO DO ESTADO.**

## **THE GROWING NEOLIBERALISM AND ITS RATIONALITY: A NEW MODEL FOR REORDERING THE STATE.**

**Caio Roque Das Mercês Jardini Luiz  
Elve Miguel Cenci**

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo abordar e problematizar o fenômeno do neoliberalismo como modelo de pensamento econômico que desborda para questões relativas a sociabilidade e os níveis de subjetivação que atravessam a um só tempo os indivíduos e a coletividade de modo a reordenar a atuação do Estado. Isso porque, não obstante as ideias neoliberais estarem alinhadas ao setor econômico para superação de determinadas crises do capitalismo na segunda metade do século XX, os princípios de concorrência, competição, desregulamentação, sujeito-empresa, entre outros, que lhe são inerentes, passaram a pautar as ações dos atores sociais e a reverberar nos modos de vida em sociedade. Novas conformações de Poder, Estado e Direito são erigidas na esteira do neoliberalismo e a individualidade dos sujeitos passa a ser direcionada pela lógica da concorrência. Tal fenômeno se dá notadamente em razão da alteração do paradigma de igualdade e equidade presente no liberalismo para uma dimensão individualista que tende a normalizar e naturalizar as desigualdades.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo, Poder, Estado, Direito, Racionalidade

### **Abstract/Resumen/Résumé**

This article aims to address and problematize the characteristics of neoliberalism as a model of economic thought that spills over into issues related to sociability and the levels of subjectivation that affect individuals and the community at the same time in order to reorder the State's actions. This is because, despite neoliberal ideas being approved by the economic

## **Introdução.**

A modernidade trouxe ao mundo novas significações em termos de sociedade, economia, política e direito, que alteraram quase todos os aspectos da vida. Eventos traumáticos foram observados como referências a tais alterações (Segunda Guerra Mundial, Guerra fria, Crise dos anos 70, etc) e pontuaram o caminho à uma tônica nas relações sociais e econômicas. Noutros dizeres, uma sucessão de processos globais ocorridos no século XX fomentou a união de distintas soberanias e afivelou uma nova agenda mundial tendente a governar a conduta dos indivíduos e seus processos de sociabilidade.

A política econômica e os modelos até então utilizados foram reformulados ante as contingências do capitalismo. Estruturas internacionais como Banco Mundial, OCDE, FMI, OMC, ONU, entre outras, foram paulatinamente direcionadas a cruzar as fronteiras dos Estados para operar o novo modelo econômico, jurídico e político. Nessa toada, grandes grupos empresariais cresceram e projetaram forças para além de seus limites territoriais.

Instalou-se, assim, o neoliberalismo, uma transformação do paradigma liberal para salvaguardar o capitalismo e promover seus alicerces como a concorrência, competição, e, de algum modo, a desregulamentação, a flexibilização de direitos sociais, entre outros. Projetou-se, pois, um novo modelo de designações para prestigiar transformar o indivíduo e a sociedade que nele está circunscrita, e funcionar como uma razão própria nas relações, incluindo as estruturas de Estado. Isso não ocorreu por acaso e para investigar adequadamente suas bases é preciso revisitar minimamente os ocorridos da metade do século XX.

## **O mundo pós Segunda Guerra Mundial.**

Em abril de 1945, a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ditada por Joseph Stalin, alcançou e capturou Berlim, capital do Reich alemão, derrotando os últimos contingentes da Wehrmacht e a resistência fanática nazista. O regime autoritário hitlerista encontrava, assim, seu derradeiro colapso em solo alemão. Adolf Hitler, Führer do Terceiro Reich, cometeu suicídio em 30 de abril de 1945, em um bunker situado na Chancelaria do Reich, evitando sua captura pelo Exército Vermelho.

Apesar dos significativos avanços realizados pelos Estados Unidos da América (EUA), Grã-Bretanha, França e outros aliados, foi a URSS que primeiro alcançou aquele que talvez seja o símbolo mais emblemático da vitória: a conquista da capital alemã. O feito não foi pouco

e também não apenas simbólico, pois consolidou o espaço geopolítico e territorial da URSS em boa parte da Europa Oriental e demonstrou a força do regime socialista para o mundo, contrapondo a hegemonia ocidental. Não por acaso, Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill mobilizaram esforços consideráveis para garantir suas respectivas zonas de influência na região alemã ocupada, com o objetivo, dentre outros, de conter o protagonismo soviético. Apesar do desastre humano à URSS em razão de suas significativas baixas, a Segunda Guerra Mundial colocou Stalin em evidência e na mesa de conversações mundiais para a paz.

Nesse contexto, após a capitulação alemã, em agosto de 1945 EUA, Grã-Bretanha, França e URSS acordaram, durante a Conferência de Potsdam, a divisão de Berlim em quatro zonas de ocupação. De um lado, encontravam-se as democracias ocidentais liberais; de outro, o regime socialista de Stalin. As complexas contingências enfrentadas pelas potências aliadas ao longo da guerra expuseram as tensões entre o ocidente e o oriente no período do pós-guerra, especialmente em âmbito ideológico, político, econômico e tecnológico. Líderes ocidentais eram críticos contumazes do regime comunista de Stalin e das atrocidades por ele perpetradas e fincavam controvérsias entre o pensamento econômico liberal capitalista e o socialismo soviético. Esse é um dos elementos do rearranjo global que sobreveio no período subsequente: a polarização ideológica, bélica, política e econômica entre ocidente e oriente e a busca estadunidense por sua hegemonia global.

Inobstante a vitória no *front* europeu, os EUA enfrentavam as severas perdas ocasionadas pela continuidade da guerra no pacífico. Após o falecimento de Roosevelt, em abril de 1945, o vice-presidente dos EUA, Harry Truman, assumiu a casa branca e, imediatamente, teve de lidar com o conflito contra o Japão, cuja rendição parecia distante. No poder, Truman foi informado sobre o custoso Projeto Manhattan, resultado, em boa medida, da corrida militar-tecnológica promovida durante a Segunda Guerra Mundial, cujo objetivo era o desenvolvimento de armas nucleares. Com o projeto concluído e testado, Truman expos, ainda em Potsdam, o sucesso da bomba e lançou um ultimato ao Japão, que foi rejeitado pela ala militar radical japonesa. Assim, mesmo diante de controvérsias sobre o uso da bomba atômica, os EUA decidiram lançar, em 6 de agosto de 1945, a *Little Boy* sobre Hiroshima, e, em 9 de agosto, a *Fat Man* sobre Nagasaki. Ainda que a *Little Boy* tenha causado enorme devastação em Hiroshima, a ala militar radical japonesa persistiu em resistir a rendição. Nesse contexto, em 7 de agosto de 1945, Stalin declarou guerra ao Japão na região da Manchúria, em uma manobra estratégica para ampliar a influência soviética na Ásia. Essa declaração, somada à

destruição causada pelas bombas atômicas, levou o imperador Hirohito a anunciar a rendição japonesa, encerrando oficialmente o conflito. Sobre esse cenário, Morray aponta que:

O efeito inevitável da bomba foi fortalecer a confiança americana em sua capacidade de liderar o mundo sem ajuda soviética, ou mesmo com a oposição soviética. O desejo em entrar em acordo é habitualmente consequência de uma necessidade objetiva, e isso ocorreria com os aliados durante a guerra, que fizeram concessões mútuas e mostraram consideração pelos interesses mútuos, pela excelente razão de serem, isolados, muito fracos para enfrentar a ameaça Hitler-Japão (MORRAY, 1961, p.86).

Desta forma, a demonstração de força bélica dos EUA acentuou ainda mais as tensões e a polarização entre ocidente e oriente, servindo também como caminho à Guerra Fria. Exemplo dessa situação crítica foi a crise dos mísseis ocorrida mais tarde, em 1962, onde EUA, URSS e Cuba acirraram uma celeuma envolvendo as armas nucleares<sup>1</sup>. O ambiente que circundava o período do pós-guerra era de disputa ideológica, econômica e de uma corrida tecnológica, que se aprofundou cada vez mais e tem seus reflexos até os dias de hoje. Sem dúvida, a questão armamentista somou à divisão mundial entre ocidente e oriente logo após a Segunda Guerra e contribuiu ao avanço imperialista dos EUA, que investiu massivamente na produção de armas nucleares e aumentou seu arsenal de 2 bombas, em 1945, para 31,255, em 1967<sup>2</sup>.

### **Do *keynesianismo* à criação de organismos internacionais.**

Ainda naquele período, enquanto o socialismo soviético tocava sua economia fechada e planificada, os EUA navegavam nas premissas keynesianas que lhe deram fôlego após o desgaste do liberalismo e a crise de 1929, marcando, a partir dos anos 30, forte presença do Estado em setores econômicos para garantir infraestrutura e o escoamento de riquezas, estáveis níveis de desemprego, regulação em setores diversos e direitos sociais. O *New Deal* atingiu boa parte de seus objetivos e assentou o estado de bem-estar. O pensamento econômico emplacado por Keynes andou bem e teve forte aderência e razoável performance quando aliada à economia de guerra e os planos econômicos posteriores:

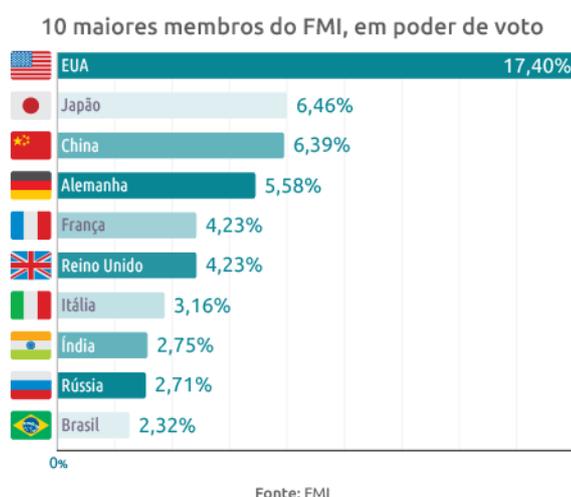
---

<sup>1</sup> Para melhor compreensão, ler “Crise dos Mísseis de Cuba”, de Pedro Seno, publicado em 23/10/2023 e disponível em: <https://www.fflch.usp.br/132362>

<sup>2</sup> Os gráficos estão disponíveis em: Kristensen, H. M., & Norris, R. S. (2013). Global nuclear weapons inventories, 1945–2013. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 69(5), 75–81. <https://doi.org/10.1177/0096340213501363>

[...] o Estado keynesiano [...] desempenhou o papel de viabilizador da acumulação privada, sustentando investimentos produtivos que reduziram drasticamente os níveis de desemprego, conjugando aumento real de salários com aumento de receitas e lucros, assegurando acordos para elevação da produtividade e convertendo políticas sociais e “redistributivistas” em fator de alargamento de mercado e da administração da demanda agregada. E cumpriu, ainda, a função legitimadora de assegurar a identidade normativamente estabelecida da sociedade industrial. Ao nível jurídico, essa função levou, por exemplo, a padronização das relações de trabalho. Ao nível político, ela orientou a ação governamental no sentido de identificar focos de tensão, neutralizando-os por meio de programas de educação básica, saúde, moradia popular, previdência, treinamento profissional e salário-desemprego, para os assalariados; e de suporte financeiro e apoio tecnológico, para o empresariado [...] (FARIA, 2002, p. 114-115).

Assim como a questão armamentista, a saúde econômica era estratégica à hegemonia dos EUA e outras democracias ocidentais. Desta forma, com os olhos voltados aos problemas socioeconômicos do pós-guerra e pensando em seu protagonismo, os EUA, em Julho de 1944, acolheu representantes de dezenas de países para a Conferência de Bretton Woods, que culminou na criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (Banco Mundial), instituições de atuação global que desempenharam fundamental papel no ajuste internacional das economias. Graças a consolidada influencia alcançada pelos esforços de guerra, os EUA tomaram a frente dessas instituições. Não à toa que os dados do FMI apontam os EUA em 1º lugar entre os 10 países com maior poder decisório na instituição até hoje<sup>3</sup>:



<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acesoinformacao/fmi>

Em linhas gerais, o FMI constituiu a criação de uma complexa ferramenta de estabilidade cambial e monetária de cooperação internacional, ou seja, uma forma de afivelar as operações econômico-financeiras a nível internacional<sup>4</sup>; o Banco Mundial, por sua vez, ocupou-se em promover financiamentos e empréstimos aos países devastados pela guerra a fim de auxiliá-los em sua reconstrução<sup>5</sup>. Capitaneados pelos EUA, ambas instituições atuaram em favor de vários países, porém não sem usarem suas forças econômicas e influência para sinalizarem contraprestações futuras.

Outros mecanismos de atuação internacional também foram criados com forte direcionamento dos EUA. Em 24 de Outubro de 1945 a Organização das Nações Unidas (ONU); em Novembro de 1945 a (UNESCO); em Dezembro de 1945 o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); em Abril de 1948 a Organização para a Cooperação Econômica Europeia (OCEE), qual foi reformada em 1961 e tornou-se a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); em Fevereiro de 1948 a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL); em Abril 1959 Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID; em Novembro de 1961 a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Ou seja, esses organismos constituíram uma estrutura que passou a operar em âmbito internacional, sendo, no mínimo, permeada pela forte influência dos EUA, que, como potência essencial aos esforços de guerra – e também por seu arsenal bélico –, detinha um halo de poder político suficiente para manter ou impor suas pretensões, em especial as econômicas. Vale dizer, o protagonismo à vitória da Segunda Guerra Mundial foi o mesmo que colocou os EUA a frente desses arranjos internacionais.

Internacionalmente, uma nova ordem mundial foi construída com os acordos de Bretton Woods, e várias instituições, como a ONU, o Banco Mundial, o FMI e o Banco Internacional de

---

<sup>4</sup> “O FMI é uma organização global que trabalha para alcançar crescimento sustentável e prosperidade para todos os seus 191 países membros. Ele faz isso apoiando políticas econômicas que promovem estabilidade financeira e cooperação monetária, que são essenciais para aumentar a produtividade, criação de empregos e bem-estar econômico. O FMI é governado e responsável perante seus países membros”. A descrição está disponível em: <https://www.imf.org/en/About>

<sup>5</sup> “O primeiro empréstimo do Banco foi para a França e empréstimos para outros países europeus se seguiram. Mas quando o Plano Marshall de 1947 assumiu os esforços de reconstrução pós-guerra na Europa, o Banco rapidamente mudou para o financiamento de projetos de infraestrutura ao redor do mundo em setores como energia, irrigação e transporte. O primeiro empréstimo para um país não europeu foi para o Chile em 1948 por US\$ 13,5 milhões para geração de energia hidrelétrica [...]”. A descrição está disponível em: <https://www.worldbank.org/en/archive/history#>

Compensações (Basileia), foram estabelecidas para ajudar a estabilizar as relações internacionais. O livre comércio de bens foi incentivado sob um sistema de câmbio fixo escorado na convertibilidade do dólar norte-americano em ouro a um preço fixo. [...] Esse sistema existiu sob a ampla proteção do poder militar norte-americano. Somente a União Soviética e a Guerra Fria impunham limites ao seu alcance global (HARVEY, 2008, p. 20).

A respeito desse conjunto de organismos internacionais multilaterais, Faria leciona que:

Na fase de ascensão, alimentada pelo sistema de relações comerciais, monetárias, cambiais e financeiras nascido das propostas de inspiração *keynesiana*, consubstanciado pelo acordo de Bretton Woods, em agosto de 1944, e implementado no plano internacional pelos diferentes organismos multilaterais – Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Europeia de Cooperação Econômica (mais tarde convertida na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) etc. – dele resultantes, o Estado tinha por objetivo básico formular, implementar e executar políticas macroeconômicas para a expansão capitalista (FARIA, 2002, p. 113).

Essas organizações serviram para afivelar a política econômica internacional por meio de seus signatários. Inobstante não criadas para tal objetivo, esses organismos internacionais mediadores do arranjo global foram – e ainda são – essenciais ao engendramento e naturalização do neoliberalismo em nível mundial, especialmente porque, quando da ascensão desse novo paradigma, passaram a ser utilizados para capilarizá-lo, fluí-lo e implementá-lo nos países em desenvolvimento, notadamente em razão de sua força econômica e política de dissuasão a coação<sup>6</sup>. Afinal, com o rearranjo internacional, os resultados de um membro tendem a reverberar nos demais.

---

<sup>6</sup> A forma como operam os organismos mundiais nas estruturas domésticas merece ser – e certamente será – feita de forma mais aprofundada em outro momento, eis as múltiplas dimensões políticas e jurídicas envolvidas nessa problemática. De todo modo, em setores como educação, saúde fiscal, direitos sociais como previdência, assistência, saúde e direitos trabalhistas, a incursão de tais organismos é mais evidente. Por exemplo, no campo da educação, salutar a leitura de Gentili – A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo; Guerra e Figueiredo – Proposições do Banco Mundial para a política educacional brasileira (2016 – 2018).

## O surgimento do neoliberalismo.

Nesse passo, a despeito dos resultados do *keynesianismo*, críticos a esse modelo político-econômico passaram a se organizar e a tecer sedutoras críticas ao *New Deal* e a forte atuação do Estado visando reordená-lo. O surgimento do neoliberalismo, portanto, é marcado por eventos que envolveram intelectuais como Friedrich von Hayek, Ludwig Von Mises, Milton Friedman, entre outros. Assim, em Agosto de 1938, em Paris, ocorreu o encontro denominado Colóquio Walter Lippmann, onde pensadores se reuniram por cinco dias para revisar e reconstruir o liberalismo. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1947, os intelectuais voltaram a se reunir na suíça com o objetivo de criar um grupo a qual foi cunhado por *Mont Pelerin Society*. A ideia do grupo, em síntese, era, em continuidade ao Colóquio de 1938, repensar o liberalismo e buscar alternativas as teorias filosóficas e econômicas clássicas:

A criação da Sociedade de Mont-Pèlerin, em 1947, é citada com frequência, e erroneamente, como o registro de nascimento do neoliberalismo. Na realidade, o momento fundador do neoliberalismo situa-se antes, no Colóquio Walter Lippmann, realizado durante cinco dias em Paris, a partir de 26 de agosto de 1938, no âmbito do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (antecessor da Unesco). A reunião de Paris distingue-se pela qualidade de seus participantes, que, na maioria, marcam a histórica do pensamento e da política liberal dos países ocidentais após a guerra. [...] a Sociedade de Mont-Pèlerin aparece como um prolongamento da iniciativa de 1938. [...]. O Colóquio Walter Lippmann é a primeira tentativa de criação de uma “internacional” neoliberal que se prolongou em outros organismos, entre os quais, nas últimas décadas, a Comissão Trilateral e o Fórum Econômico Mundial de Davos. (Grande importância é dada, em todos esses momentos), ao trabalho intelectual de refundação da doutrina para melhor assegurar sua vitória conta os princípios adversários. [...] destilando-se em seguida em algumas centenas de *think tanks* que difundirão a doutrina ao redor do mundo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 71 e 72).

Sobre a *Mont Pelerin Society*, David Harvey discorre o seguinte:

Os membros do grupo se descreveram como “liberais” (no sentido europeu tradicional) devido ao seu compromisso fundamental com ideias de liberdade pessoal. O rótulo “neoliberal” marcava sua adesão aos princípios de livre mercado da economia neoclássica que emergira na segunda metade do século XIX (graças aos trabalhos de Alfred Marshall, William Stanley Jevons e Leon Walras) para substituir as teorias clássicas de Adam Smith, David Ricardo e, naturalmente, Karl Marx. Mas também seguiam a ideia de Adam Smith de que a mão invisível do mercado constituía o melhor recurso de mobilização de mesmo os mais vis instintos humanos, como a gula, a ambição e

o desejo de riqueza e poder em benefício de todos. Assim, a doutrina neoliberal opunha-se profundamente às teorias do Estado intervencionista, como as de John Maynard Keynes, que alcançaram proeminência nos anos 1930 em resposta à grande depressão (HARVEY, 2008, p. 29).

A declaração de fundação da *Mont Pelerin Society*<sup>7</sup> traduz a essência do pensamento que erigia e circulava naquela ocasião:

Os valores centrais da civilização estão em perigo. Em grandes extensões da superfície da Terra, as condições essenciais da dignidade e liberdade humanas já desapareceram. Em outras, elas estão sob constante ameaça do desenvolvimento das tendências atuais de política. A posição do indivíduo e do grupo voluntário são progressivamente minadas por extensões de poder arbitrário. Até mesmo a posse mais preciosa do Homem Ocidental, a liberdade de pensamento e expressão, é ameaçada pela disseminação de credos que, reivindicando o privilégio da tolerância quando na posição de minoria, buscam apenas estabelecer uma posição de poder na qual possam suprimir e obliterar todas as visões, exceto as suas.

[...]

Acreditando que o que é essencialmente um movimento ideológico deve ser enfrentado por meio de argumentos intelectuais e da reafirmação de ideais válidos, o grupo, tendo feito uma exploração preliminar do terreno, é da opinião de que estudos mais aprofundados são desejáveis, entre outros, em relação aos seguintes assuntos: A análise e exploração da natureza da crise atual para levar aos outros suas origens morais e econômicas essenciais. A redefinição das funções do estado para distinguir mais claramente entre a ordem totalitária e a liberal. Métodos para restabelecer o estado de direito e assegurar seu desenvolvimento de tal maneira que indivíduos e grupos não estejam em posição de invadir a liberdade de outros e os direitos privados não sejam permitidos que se tornem uma base de poder predatório. A possibilidade de estabelecer padrões mínimos por meios não hostis à iniciativa e ao funcionamento do mercado. Métodos de combate ao uso indevido da história para a promoção de credos hostis à liberdade.

O problema da criação de uma ordem internacional propícia à salvaguarda da paz e da liberdade e que permita o estabelecimento de relações econômicas internacionais harmoniosas.

Essa declaração traz alguns elementos das profundas alterações introduzidas no final do século XX até os dias de hoje em campos econômicos, jurídicos, políticos e sociais; pressagiavam o incremento e naturalização de uma normativa universal de concorrência e a

---

<sup>7</sup> A íntegra da declaração está disponível em: <https://montpelerin.org/statement-of-aims/>

necessidade de “redefinição das funções do Estado” em prol da liberdade. Assim, ao estruturar seus alicerces, o neoliberalismo buscou contornar e direcionar a forma de atuação do Estado.

### **A neoliberalização.**

E tais modos de pensar passaram a ganhar espaços de circulação na segunda metade do século XX conforme as crises capitalistas eram gestadas e precisavam ser enfrentadas. O ponto de virada à guinada neoliberal talvez tenha sido os anos 70 com as crises – *cíclicas* – de acumulação e reprodução do capital que marcaram o início da metade do século XX (estagflação e a crise do petróleo, por exemplo). Acrescente-se, ainda, a queda de ganhos derivada da crise promovida pela desarticulação entre a produção e consumo em massa as quais permitiam harmonizar a elevação entre salário e lucro, e, em países em desenvolvimento, o processo de industrialização (BRAGA; SILVA, 2023, p. 134). Harvey se posiciona da seguinte forma:

Perto do final dos anos 1960, o liberalismo embutido começou a ruir, internacionalmente e no nível das economias domésticas. Os sinais de uma grave crise de acumulação eram em toda parte aparentes. O desemprego e a inflação se amplificavam em toda parte, desencadeando uma fase global de “estagflação” que duraria boa parte dos anos 1970. [...]. O liberalismo embutido que gerara altas taxas de crescimento pelo menos nos países capitalistas avançados depois de 1945 estava claramente esgotado e deixara de funcionar. A superação da crise requeria alguma alternativa (HARVEY, 2008, p. 22).

Por outro lado, Faria esclarece que:

A partir dos anos 70, porém, com a crescente instabilidade das principais variáveis macroeconômicas, essa era passou a se caracterizar pela drástica redução de seu ritmo de crescimento. E, nos anos 80, passou a mostrar uma progressiva incapacidade tanto de planejar racionalmente sua intervenção no processo de mudança social quanto para produzir respostas a um só tempo eficientes e sistematicamente coerentes ao conjunto disperso e contraditório de tensões, conflitos e demandas gerado pelos desdobramentos da desorganização monetária e dos dois choques energéticos. A ascensão e decadência do intervencionismo estatal num curto espaço de tempo de quatro décadas retratam, assim, a trajetória dessa era (FARIA, 2002, p. 112).

Para dimensionar, eis os números relativos a inflação, preços, taxas de desemprego e produto interno bruto real nos EUA extraídos do Federal Reserve Economic Data – FRED<sup>8</sup>, a quais passaram a atingir elevados índices simultaneamente (estagflação):



Os dados tendem a convergir com os apontamentos lançados, por exemplo, por Dardot e Laval:

[...] no fim dos anos 1960, o modelo “virtuoso” do crescimento fordista depara com limites endógenos. As empresas sofreram uma baixa sensível em suas taxas de lucro. Essa queda da “lucratividade” explica-se pela desaceleração dos ganhos de produtividade, pela relação das forças sociais e da combatividade dos assalariados (o que deu aos anos “anos 1968” sua característica histórica), pela alta inflação amplificada pelas duas crises do petróleo, em 1973 e 1979. A estagflação parece assinar o atestado de óbito da arte keynesiana de “pilotar a conjuntura”, que pressupunha a arbitragem entre inflação e recessão. A

<sup>8</sup> Disponível em: <https://fred.stlouisfed.org/>

coexistência desses dois fenômenos – alta taxa de inflação e taxa elevada de desemprego – parecia desabonar as ferramentas da política econômica, em particular a ação benéfica do gasto público sobre o nível da demanda e o nível de atividade, logo, sobre o nível do emprego (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 195-196).

Essas crises, portanto, passaram a dar espaço aos precursores do neoliberalismo, especialmente nos EUA e na Grã-Bretanha. Em 1974, Friedrich von Hayek ganha o prêmio Nobel de economia<sup>9</sup>; em 1976 é a vez de Milton Friedman<sup>10</sup>, influente acadêmico da universidade de Chicago. Nos EUA, a busca pela superação do estagflação levou o presidente Jimmy Carter a promover a desregulamentação de setores econômicos, e seu sucessor, Ronald Reagan, aprofundou ainda mais essa política, incluindo cortes tributários e orçamentários, ataques a conselhos profissionais e sindicatos, entre outros. Na Grã-Bretanha, Margareth Thatcher ao assumir o poder, adotou a agenda neoliberal para reformular políticas fiscais e sociais, derrubar estruturas do Estado social e sindicatos e privatizar empresas públicas:

Os anos 1980 foram marcados, no Ocidente, pelo triunfo de uma política qualificada, ao mesmo tempo, de conservadora e neoliberal. Os nomes de Ronald Reagan e Margaret Thatcher simbolizam esse rompimento com o “welfarismo” da social-democracia e a implementação de novas políticas que supostamente poderiam superar a inflação galopante, a queda dos lucros e a desaceleração do crescimento. Os slogans frequentemente simplistas de uma nova direita ocidental são conhecidos: as sociedades são sobretaxadas, super-regulamentadas e submetidas às múltiplas pressões de sindicatos, corporações egoístas e funcionários públicos. [...] questionaram profundamente a regulação keynesiana macroeconômica, a propriedade pública das empresas, o sistema fiscal progressivo, a proteção social, o enquadramento do setor privado por regulamentações estritas, especialmente em matéria de direito trabalhista e representação dos assalariados (Dardot; Laval, 2016, p. 189).

De maneira sintetizada, portanto, e sem prejuízo às suas reinvenções ou roupagens posteriores e futuras, o neoliberalismo acaba se assentando na esteira das mudanças econômicas estruturais e conjunturais ocorridas nos anos 1970 e 1980, especialmente nos EUA e na Grã-Bretanha, divorciando-se do Estado-social e distanciando-se dos imperativos ordenadores que

---

<sup>9</sup> Friedrich August von Hayek – Prize Lecture. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach 2025. Ter. 21 Jan 2025. <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1974/hayek/lecture/>

<sup>10</sup> Milton Friedman – Prize Lecture. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach 2025. Ter. 21 Jan 2025. <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1976/friedman/lecture/>

escoravam a solidariedade social. De forma concomitante, tendo como pano de fundo a singular visão de liberdade neoliberal<sup>11</sup>, promoveu-se um redirecionamento substancial e não tão sutil das funções de Estado, ou seja, passou-se a operar uma verdadeira redefinição das funções do Estado<sup>12</sup>, uma espécie de reprogramação, aplicando-lhe uma lógica empresarial com vistas a eficiência máxima e, ao mesmo tempo, garantidor e implementador institucional de uma ambiência concorrencial sobre a sociedade.

### **O modo de ser, pensar e agir neoliberal: uma racionalidade ou cosmovisão.**

As ideias trazidas por esse novo pensamento não se limitavam a um modelo econômico, mas buscavam também enraizar-se em dimensões éticas à construção de um novo paradigma de mundo e a constituição de uma nova racionalidade própria. Não é sem motivo, pois, a presença de pensadores das mais variadas áreas no grupo de *Mont Pelerin*, juristas, filósofos, jornalistas, entre outros. É por isso que:

[...] o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma *racionalidade* e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas as ações dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação. O termo *racionalidade* não é empregado aqui como um eufemismo que nos permite evitar a palavra “capitalismo”. O neoliberalismo é a *razão do capitalismo contemporâneo*, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Esses esclarecimentos remetem, sem sombra de dúvidas, as ideias de Michel Foucault a respeito de racionalidade política e governamentalidade, notadamente as expostas por Dardot e Laval e aqueles que filiam o neoliberalismo como uma totalidade, uma racionalidade ou uma cosmovisão. Isso porque, como exposto por ambos autores, o curso ministrado por Foucault no College de France em 1978-1979, posteriormente publicado como Nascimento da Biopolítica,

---

<sup>11</sup> O “vetor” da liberdade está inserido na liberdade individual, na lei e nos direitos de propriedade com ênfase na concorrência (Mariuti, 2019, p. 13).

<sup>12</sup> Como exclamado na declaração de fundação da *Mont Pelerin Society* transcrita anteriormente.

afigura-se como uma das principais referências à conclusão de que o neoliberalismo constitui a razão do capitalismo contemporâneo (DARDOT; LAVAL, 2016, p 17 -18).

De forma bastante similar, Safatle discorre que:

[...] No ano anterior à eclosão da Segunda Grande Guerra, vários economistas, sociólogos, jornalistas e mesmo filósofos se reuniram a fim de discutir o que aparecia à época como o ocaso do liberalismo. A reunião passou à história como Colóquio Walter Lippmann, [...]

Um diagnóstico que se impôs no colóquio fora o equívoco da crença, [...] de que livre-iniciativa, empreendedorismo e competitividade seriam características que brotariam quase que espontaneamente nos indivíduos, caso fôssemos capazes de limitar radicalmente a intervenção econômica e social do Estado. Antes, a liberdade liberal teria de ser produzida e defendida. Como dirá décadas depois Margareth Thatcher: “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”. E essa mudança dos corações e mentes teria de ser feita através de doses maciças de intervenção e de reeducação. Isso até o momento em que os indivíduos comessem a ver a si mesmos como “empreendedores de si”, [...] que eles internalizassem a racionalidade econômica como a única forma de racionalidade possível (Safatle; Júnior; Dunker, 2020, p. 24).

Com efeito, a dimensão relevante é a de que o neoliberalismo não deve ser pensado ou limitado a uma forma ou um modelo de estrita política econômica que depõe o afastamento do Estado, mas sim como empreendimento normativo erigido para ser praticado, internalizado e reproduzido à constituição de novos planos de subjetivação consistentes em uma racionalidade capaz de alterar os paradigmas de sociabilidade e reorientar a própria atuação do Estado.

Noutros dizeres, tomando com cautela em um ponto de análise, o pensamento neoliberal tem como necessidade e pressuposto a forte intervenção do Estado sobre a sociedade e seus circuitos de subjetivação, dada sua única e singular amplitude de atuação e modos de orientação, coordenação e coerção capazes de engendrar de forma generalizada o princípio da concorrência nas mais variadas dimensões da vida em sociedade, além de (re)equilibrar a ambiência dentro desses ciclos de mudanças (MARIUTI, 2019, p. 18).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Como foi possível observar, o mundo após Segunda Guerra Mundial experienciou de maneira relativamente conturbada um crescente acirramento em campos econômicos, bélicos,

tecnológicos, ideológicos, políticos, enfim, disputas que atravessaram de forma contínua e profunda os múltiplos aspectos da vida humana.

O intento virtuoso de paz desaguou em arrojados e complexos organismos internacionais que passaram a operar mundialmente e pautar agendas que antes eram tidas como domésticas e soberanas pelas nações, o que inclui suas configurações econômicas, políticas e jurídicas. No curso dessas transformações, os EUA alcançaram um halo de influência e poder suficientes para conduzir suas pretensões de maneira alinhavar o mundo aos seus interesses e, em grande medida, minar as demais soberanias em sua autonomia; desta forma, conseguiu exportar não só produtos ou serviços, mas também formas de vida, ordenamentos jurídicos, modelos econômicos, visões de mundo.

Em meio a essas complexas alterações, o neoliberalismo foi gestado e mais adiante colocado em marcha para salvaguardar o sistema capitalista. De forma extraordinária – e talvez até incogitada –, o pensamento neoliberal passou a ser implementado de maneira muito sólida nos mais profundos circuitos de sociabilidade para embutir a noção de concorrência nos indivíduos. Graças ao rol de organismos internacionais, esse movimento permeou boa parte do mundo agora globalizado. Se a concorrência generalizada passa a ser ínsita ao indivíduo e em suas relações sociais, em seu convívio com tudo e todos, naturalmente que os elos que conduziam e estruturavam as dimensões de solidariedade humana e do Estado são desfeitos. Daí porque, como já mencionado, o (re)direcionamento da função estatal, e, a partir disso, as (re)estruturações jurídicas, econômicas e políticas. Passa-se a revisar de maneira banalizada, por exemplo, os quadros normativos domésticos garantes do plexo de direitos previdenciários, saúde, trabalho, educação, meio ambiente, entre outros, inclusive mitigando os poderes dos Estados-nação, eis que constrangidos pelas forças coativas que transcendem seu território (FARIA, 2002, p. 141)<sup>13</sup>.

Necessário, pois, problematizar os pontos de acirramento entre essa face ordenadora do neoliberalismo, o mundo globalizado e o Estado, mas, antes de tudo, voltar os olhos também às particulares contingências que tem logrado emplacar um modo de vida desumanizado, ou, ainda, economicizado.

---

<sup>13</sup> Weber acentua que o Estado moderno constituiu uma associação que promove a organização e exerce sua dominação, em especial com o monopólio do uso legítimo da força física e da administração da justiça “nos limites de um território” (Weber, 2003, p. 18-19). Diante dessa nova conjuntura, é preciso repensar pensar o Estado moderno.

## BIBLIOGRAFIA.

BRAGA, Henrique Pereira; SILVA, Lays Hesse Andrade. **Uma teoria para o seu tempo: Neoliberalismo, Homem Econômico e Homem Capital**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n. 65, p. 128-162, 2023. Disponível em: <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/972>. Acesso em: 31/12/2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIA, José Eduardo. **O direito na economia globalizada**. 1ª Ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

FEDERAL RESERV BANK OF ST. LOUIS. **Federal Reserve Economic Data – FRED**. Disponível em: <https://fred.stlouisfed.org/>. Acesso em: 31/12/2024.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/fmi>. Acesso em: 31/12/2024.

GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

GUERRA, Dhyovana; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago. **Proposições do Banco Mundial para a política educacional brasileira (2016-2018)**. Portal de revista USP. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/188931>. Acesso em: 31/12/2024.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: História e implicações**. 1ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

INTERNACIONAL MONETARY FUND. **About the IMF**. Disponível em: <https://www.imf.org/en/About>. Acesso em: 31/12/2024.

KRISTENSEN, H. M., & NORRIS, R. S. (2013). **Global nuclear weapons inventories, 1945–2013**. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 75–81. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0096340213501363>. Acesso em: 31/12/2024.

MARIUTTI, Eduardo. **Estado, mercado e concorrência: fundamentos do “neoliberalismo” como uma nova cosmovisão**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n. 54, p. 10-33, 2019. Disponível em: <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/515>. Acesso em: 31/12/2024.

MORRAY, J.P. **Origens da Guerra fria (de Yalta ao desarmamento)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

SAFATLE, Vladimir. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: o sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral**. In: SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (Org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. 1, p.17-46.

SENO, Pedro. **Crise dos Mísseis de Cuba: Presença de mísseis nucleares em Cuba gerou tensão entre Estados Unidos e União Soviética.** Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, São Paulo, 23/10/2023. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/132362>. Acesso em 31/12/2024.

THE MONT PELERIN SOCIETY. **Statement of Aims.** Disponível em: <https://montpelerin.org/statement-of-aims/>. Acesso em: 31/12/2024.

THE NOBEL PRIZE. **Friedrich von Hayek Prize Lecture.** Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1974/hayek/lecture/>. Acesso em: 21/01/2025.

THE NOBEL PRIZE. **Milton Friedman Prize Lecture.** Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1976/friedman/lecture/>. Acesso em: 21/01/2025.

WEBER, Max. A política como vocação. Tradução Maurício Tragtenberg. 1ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

WORLD BANK GROUP. **Explore History.** Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/archive/history#>. Acesso em: 31/12/2024.